



CIDADANIA SOCIOAMBIENTAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Polliana Bezerra de Oliveira¹

Universidade Federal de Goiás - UFG *Campus* Catalão.

E-mail: geopollyana@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho trata de uma proposta metodológica que traz vídeos musicais como elemento de análise e reflexão acerca da temática meio ambiente e globalização, os mesmos foram escolhidos por tratar as relações sócio espaciais entre diversas realidades de forma clara e sistemática. O objetivo deste trabalho baseia-se em criar subsídios para que os alunos tenham uma formação para a sua autonomia, no entanto, tal sugestão deve vim acompanhada de uma postura e uma avaliação condizente com essa ferramenta pedagógica, ou seja, o professor ao utilizar esse método pode proporcionar e incentivar o diálogo, bem como, apresentar dentro dos métodos avaliativos aspectos que oportunizem a criticidade, elemento necessário para a construção do conhecimento autônomo. A atividade relacionada se desenvolveu em etapas que precederam desde o conhecimento prévio dos discentes em relação aos conteúdos, seguido do uso do livro didático e atividades curriculares até alcançar o momento de abordar os conteúdos com a exibição dos vídeos, a fim de construir conhecimentos primordiais, e dar subsídios básicos para a construção de atividades lúdica com os alunos em relação às músicas. Entende-se, portanto que a apreciação dos vídeos musicais, bem como, a discussão sobre a temática com os alunos, trouxe a capacidade reflexiva e criativa dos discentes acerca das composições, de modo que, puderam utilizar essas manifestações artísticas como forma de expressar sua percepção social. A partir deste trabalho notou-se uma dinamização no ensino de Geografia, pois os resultados apresentados pela produção de letras musicais e poesias demonstram o desenvolvimento cognitivo dos alunos, assim como, as diversas possibilidades de se trabalhar em outra perspectiva algo que de alguma maneira é comum para a sociedade, o estudo identificou que o emprego de vídeos musicais como uma prática pedagógica tende a dinamizar e proporcionar maior interação entre os discentes e desses com o docente e conteúdo abordado.

Palavras-chave: Dinâmica Pedagógica. Ensino de Geografia. Músicas.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Goiás – *Campus* Catalão. Orientador: Prof. Dr. André Carlos Silva co-orientador: Prof. Dr. Idelvone Mendes Ferreira Membro do grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos em Geologia e Mineração (NEGeM) e Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Ambientais do Campus Catalão (NEPSA) CAC/UFG.

1 INTRODUÇÃO

Considerando que a crise paradigmática da ciência repercute na educação, apresentam-se algumas propostas do Ensino de Geografia para a compreensão de problemas do mundo atual. Em primeiro lugar, porque tais problemas, geralmente, estão relacionados às disputas políticas que o território suscita; em segundo lugar, porque o estudo de temas da Geografia Política e da Geopolítica questiona a neutralidade científica.

A discussão sobre ensino de Geografia no Brasil remete ao passado que a Geografia escolar predominantemente estava vinculada a uma prática pedagógica que apresentava ao discente um amontoado de informações atomizadas sobre o mundo físico, sendo o ser humano apenas mais um elemento componente deste mundo, essa visão fragmentada, influenciando, inclusive, a compreensão da relação sociedade/natureza.

Numa perspectiva metodológica, o ensino de Geografia, busca, entre outros, discutir em sala de aula as transformações ocorridas pelo avanço da técnica e da informação no espaço geográfico, evidenciando que todos esses, porém, são dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne confuso e confusamente percebido (SANTOS, 2000), com o intuito de desconstruir essa confusão imposta pela perversa organização global, se faz necessário descortinar dos alunos as rugosidades presentes no espaço geográfico, tendo vista a escala local e global e sua interdependência.

Assim, o ensino de Geografia deve contribuir para uma leitura completa e dinâmica do mundo, a ciência geográfica, praticada em sala de aula, deve propiciar aos educandos uma melhor compreensão do mundo e da sociedade em que vivem. A prática pedagógica docente busca alunos parceiros e reflexivos. (KAERCHER, 2002). As instituições de ensino ao se preocupar em fazer com que os alunos desenvolvam seus potenciais cognitivos e criativos de uma forma mais significativa, por meio de atividades contextualizadas. Uma possível resposta para concretizar a contextualização da geografia escolar é trabalhar com dinâmicas, assim, esse estudo apresenta um trabalho que busca a apresentar uma metodologia que incentiva a dinamização do ensino de Geografia por meio de vídeos musicais, uma vez que, partir da ideia de que todas as realidades geográficas são apreendidas por meio de palavras e imagens, a música e a imagem contida em um vídeo, se configuram como parceiras na construção coletiva e autônoma da leitura desse mundo confuso e cheio de rugosidades.

A intenção de se trabalhar com vídeos musicais em sala de aula, partiu de uma seleção de músicas que apresentassem relação às discussões acerca da temática meio ambiente e globalização trazendo-os para a percepção da dinâmica das relações do espaço global, nessa atual, e complexa, fase do capitalismo. A escolha também considerou a diversidade cultural dos seguimentos da música, com o intuito de levar para os alunos estilos musicais que pudessem contemplar um amplo universo sonoro, fugindo da lógica mercadológica que domina o ramo fonográfico, passando pelos estilos musicais do Heavy Metal Crossover, Thrash Metal, Rock Nacional, Manguebeat, Reggae, Forró Pé de Serra, MPB e Pop rock.

2 O PAPEL DO ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia enquanto disciplina escolar pressupõe orientações que proporcionam alternativas para a elaboração de “raciocínios geográficos” a todos os cidadãos na escola, na perspectiva de contribuir na compreensão de problemas do mundo, muitos dos quais estão ligados à convivência social no seu sentido mais amplo. Lembrando que a Terra é o planeta vivo e da vida, entende-se que tal convivência coloca em relação sociedade/natureza, com tudo o que isso comporta em termos de diversidade, desigualdade, contradição, harmonia etc. A complexidade do Ser humano na Terra, o planeta da “morada do homem”, não é passível de entendimento sem a Política, sem o Político: a Política, no sentido da atividade humana que busca elaborar o melhor regime na dinâmica das relações sociais para assegurar os direitos (e os deveres) de cada indivíduo na esfera pública, e o Político, como a atividade de indivíduos reconhecidos como cidadãos, que discutem na praça pública seus problemas, geralmente vinculados ao território (aí incluídos os desafios da questão ambiental). Apesar disso, persistem resistências à abordagem da Política e do Político na Geografia.

3 ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

No caso brasileiro, não há como negar que a violência interna de uma sociedade autoritária e escravista, resultante do processo de colonização de exploração, tanto tempo escamoteada, mas internalizada por aqueles mantidos à margem da “boa sociedade”, explode quase cotidianamente nas ruas das metrópoles (nacionais e regionais) e das cidades médias

(VLACH & BRAGA, 2005) com toda a força da ira que, entretanto, ao longo de nossa História, não foi capaz de provocar a irrupção de um movimento revolucionário quando da emancipação do jugo de Portugal (1822), ou quando se desejou combater o denominado subdesenvolvimento econômico (antes do golpe militar de 1964), ou, ainda, quando se reivindicou o retorno da democracia (que acabou resgatando o Estado de direito, em 1985).

Entendendo que aqueles que fazem a ciência também precisam se comprometer com o resgate da sabedoria humana, e que tal resgate é indissociável da Política e do Político, defende-se uma ruptura epistemológica “colada” às transformações da prática social. Nessa medida, a prática social deve mudar também na escola. Ou, sobretudo, na escola, porque a educação continua fortemente marcada pelo espírito do Iluminismo (ADORNO & HORKHEIMER, 1985), isto é, a crença na possibilidade de se disseminar, por meio de sua universalização, a ideologia do progresso a todos os seres humanos, o que transformaria a Terra em um jardim paradisíaco (as diferenças sociais e as diversidades étnico-regionais-nacionais desapareceriam).

Assim, mudanças da prática social dos professores de Geografia são, igualmente, necessárias. Por meio da abordagem de temas da Geografia Política e da Geopolítica, suas aulas certamente podem contribuir para a construção de “raciocínios geográficos”, essenciais na compreensão de problemas do mundo atual. Esse é o papel do Ensino de Geografia na formação de cidadãos brasileiros participativos, ativos e críticos.

Por outro lado, há algumas décadas, a Geopolítica está comprometida com os valores da democracia e da cidadania (LACOSTE, 1993). Em outras palavras: deixou de ser apenas um instrumento de poder do Estado para o controle da população no território nacional (como aconteceu no Brasil durante o regime militar, de 1964 a 1985); para justificar uma política de expansão territorial (Estados europeus, entre fins do século XIX e começo do século XX, na África e na Ásia); para legitimar a hegemonia mundial (Estados Unidos da América e União Soviética, durante a Guerra Fria, do pós Segunda Guerra Mundial até a queda do Muro de Berlim, em 1989).

O resgate de valores como democracia e cidadania não é uma necessidade real, cada vez mais urgente, no contexto da crise paradigmática da ciência? Não é necessário trabalhar tal resgate na escola, estudando temas de Geografia Política e Geopolítica?

Isso é particularmente significativo no Brasil, um Estado cuja dimensão territorial colocou em tela, na concepção dos dirigentes políticos e das elites (econômicas, militares, culturais), a premência de torná-lo uma única unidade política, evitando a fragmentação que

ocorreu na América Latina de origem espanhola, nas primeiras décadas do século XIX (VLACH, 2006).

No início do século XX, alguns lutaram para introduzir entre nós a Geografia moderna, antes de sua institucionalização universitária (em 1934): Manuel Said Ali Ida (1861-1953), Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980) e Everardo Adolpho Backheuser (1879-1951). Por essa razão, são conhecidos como os proponentes da Geografia moderna no Brasil (VLACH, 2005). O entendimento do papel político e pedagógico da Geografia, por parte desses pioneiros, é extraordinário: tinham clareza do papel do Ensino de Geografia na educação do povo brasileiro, do caráter político da Geografia, da existência de relações entre Geografia e Geopolítica.

Entretanto, a Geopolítica ainda encontra, na academia, dificuldades para se desenvolver, e os trabalhos de Geografia Política continuam reduzidos. Esse é mais um desafio a ser enfrentado pelo ensino de nossa disciplina, em prol da construção de uma cidadania plena, democrática e cosmopolita. E, se se acredita que o papel da Geografia é cada vez mais relevante na gestão de uma cidade, de um Estado, e que o papel do Ensino de Geografia é o de compreender problemas do mundo atual, não se pode deixar de abordar temas de Geografia Política e Geopolítica nas escolas de Ensino Médio.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico baseou-se em leituras de autores que tratam sobre ensino de Geografia na perspectiva da formação cidadã, dentre as atividades destaca a realização de fichamentos e discussões sobre a temática para sustentar a base teórica, bem como, a elaboração da dinâmica trabalhada com os alunos das turmas do 2º ano do Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Agropecuária do IF Baiano campus de Guanambi, uma vez que, a proposta curricular para essas séries permite uma flexibilização para trabalhar com esses temas, construindo conhecimentos sobre meio ambiente e globalização, rompendo então, o caráter tradicional da mera listagem dos conhecimentos e propondo uma discussão e interpretação da organização desse espaço geográfico.

Em um primeiro momento é necessário trabalhar previamente com os alunos os conteúdos que serão abordados nos vídeos, para construir conhecimentos primordiais e dar subsídios básicos para a interpretação em relação aos mesmos.

A proposta foi realizada durante os meses que antecederam a Semana do Meio Ambiente, o que possibilitou liberdade a essa dinâmica pedagógica e discussões que a mesma desencadeou. Os vídeos foram coletados na internet no sítio de compartilhamento de vídeos <www.youtube.com>, e gravados na mídia, sendo reproduzidos em qualquer aparelho de DVD. Foram apresentados os seguintes vídeos musicais aos alunos: Amazônia nunca mais e Testemunhas do apocalipse, ambas da banda Ratos de Porão; A melhor banda de todos os tempos da última semana, Homem-primata, Polícia, Será que é disso que eu necessito, Sacos plásticos e Disneylândia, todas da banda Titãs; Aluga-se de Raul Seixas; Da lama ao caos e Manguetown, ambas de Chico Science e Nação Zumbi; Xote ecológico de Luiz Gonzaga; Terra plante água, de Guilherme Arantes; Cidade do sol, da Rastafeeling; Territory, da Sepultura e, por último, Future Tense, da Sanctuary.

Os alunos receberam as letras das músicas e a tradução, nas músicas de Sepultura e Sanctuary, sendo que a cada música tocada havia uma pausa para breves discussões e comentários sobre a música e o vídeo. Após o momento de apreciação musical, houve um debate objetivando aprofundar a temática, com o objetivo de despertar nos alunos um olhar acerca da arte para representar a realidade, nosso espaço de vivência, como forma de expressão, reivindicação e protesto. Em seguida, os cursistas foram desafiados a produzirem poesias e/ou letras de músicas envolvendo suas reflexões pessoais sobre meio ambiente, globalização e também sobre a realidade do IF Baiano Guanambi.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tal dinâmica multifacetada representa com clareza e complexidade as diversas relações sócio espaciais de forma a desenvolver juntamente com o aluno um senso crítico. Diante de uma sociedade moldada nos pressupostos capitalistas, uma realidade de alunos pré-programados para ter uma visão superficial do mundo e do seu contexto, compreende-se a Geografia não como solucionadora dos problemas, mas como essencial para a sua superação. Uma alternativa possível para romper com o conteudismo e a simplificação dos conhecimentos dos alunos muito marcante na Geografia Tradicional é apresentada pela aplicação de uma metodologia que parte da visão do aluno para posteriormente ampliá-la e contextualizá-la, como possibilitado por uma dinâmica que trabalha com clipes musicais voltada para a representação do cenário e dos aspectos da globalização, assim como dos seus problemas, com o intuito de construir coletivamente o conhecimento em sala de aula. O

desafio das aulas de Geografia é trazer o aluno para participar, tornar-lo sujeito ativo da aprendizagem, não o aluno que não sabia de nada que nos foi pregado pelo paradigma tradicional da educação, pois é justamente essa bagagem de conhecimentos prévios, experiência de vida que o aluno carrega consigo que contribui para o desenvolvimento de uma aula efetiva, o discente é, e deve ser, parceiro de reflexão e construção de conhecimento. Buscando com essa dinâmica que envolve a música convidar o aluno para uma aula que rompe a visão clássica de quadro giz, e carteiras, e trazer para um universo novo, se tratando em realidade de sala de aula, provocar ao aluno a reflexão, abstração sobre a letra, a musicalidade, o visual, o dialogo com a sua realidade que os diversos clipes musicais trazem para o estudante. Ao apresentarem suas produções, os alunos demonstraram suas reflexões sobre a globalização, meio ambiente e a própria instituição de ensino. Dentro desse campo de criações destaca-se uma poesia que em uma de suas estrofes diz: “A poluição está tomando/ Conta de tudo não podemos/ Perder o nosso mundo/ O mundo está se acabando / E não estamos nem ligando. A abstração feita da construção desta poesia é que os alunos compreendem que deveriam existir medidas que de fato colocassem a qualidade de vida das pessoas acima do interesse dos que lucram com a poluição gerada pela produção de telha, por exemplo. E isso um sinal de que a dinâmica incentivou externalizar e debater essas questões, a fim de alcançar uma visão holística do mundo objetivada pela disciplina de Geografia também através da interdisciplinaridade. Outro instigante momento da dinâmica foi a produção de músicas sobre os temas, quando em uma delas o seguinte trecho: “Jogue lixo no lixo/ Não jogue no chão – Vamos deixar a nossa escola/ Fora da poluição”, o mesmo demonstrou que os alunos passaram a se perceber como agente transformador da sua realidade, reivindicador do seu direito a uma vida digna de existência em uma ambiente limpo e saudável, essa foi só uma das provocação feitas ao aluno para que possa caminhar para a sua autonomia e busca por uma sociedade justa e menos desigual.

Tal forma de abordagem dos conteúdos geográficos fez com que os discentes demonstrassem demasiadamente entusiasmados em decifrar as subjetividades das relações sócio-espaciais, a partir da compreensão das questões ligadas ao meio ambiente e globalização. A partir desse posicionamento dos alunos diante da dinâmica pode-se refletir que é possível tornar os momentos em sala de aula interessantes sem comprometer a qualidade do ensino e até mesmo torná-la mais interativa e integrada à realidade dos alunos, se permitindo um olhar para questões complexas relacionadas não só ao meio ambiente e globalização, como a sociedade de um modo geral.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Metodologias alternativas quando utilizadas em sala de aula são encaradas por alguns professores com pouca credibilidade e até mesmo com certo preconceito, fato esse que é muito recorrente por existir muitos casos de incoerência entre discurso e prática, ou seja, grande parte dos docentes que defendem uma formação crítica o fazem somente no discurso modista não a encaram em sua complexidade de prática pedagógica voltada para a autonomia do sujeito. E ainda existem situações de docentes muito atrelados ao ensino tradicional, pois muitos desses tiveram uma formação tradicional.

Uma metodologia que preza pela sua coerência não deve ser associada à avaliação e postura contrárias ao objetivo da aplicação da mesma, assim, ao propor uma maneira de ensinar deve ser seguida de postura e avaliação condizente com o que está sendo sugerido. O emprego de uma canção para estimular debates e reflexões sobre a temática meio ambiente e globalização não se limita ao fato de dinamizar a aula, mas de torná-la participativa e isso não terá resultado desejado com posicionamento autoritário e uma forma de avaliar que prime pelo saber “memorizado”.

As mudanças necessárias para se alcançar uma formação autônoma do sujeito partem da própria mudança na forma de pensar do professor da sua práxis para posteriormente poder promover nos seus alunos as provocações necessárias para a construção do seu conhecimento. Contudo devesse ressaltar que a escolha de uma metodologia tem o seu aspecto político que representa a forma de pensar do docente que está trabalhando-a, mas se o objetivo é formar um sujeito autônomo a sua forma de pensar o mundo não deve suprimir a visão do aluno e sim construir com esse um campo de reflexão e crítica sobre a realidade apresentada, de forma que o discente possa perceber a complexidade do contexto social em que está inserido. E supere a superficialidade das informações e observações que lhe são apresentadas, principalmente, pelos meios de comunicação, adquirindo uma visão sistêmica do mundo. Nessa perspectiva se faz necessário dinamizar o ensino de Geografia, já que os resultados apresentados pelos alunos através da criação de poesias e letras musicais foram muito positivos quando considerada a capacidade de abstração dos alunos acerca da temática, provando que atividades pedagógicas envolvendo clipes musicais desenvolvem o potencial cognitivo do aluno e também estimula sua curiosidade e criatividade para o aprendizado, mostrando que a aula pode ser empolgante e um verdadeiro espaço de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACOSTE, Yves. Préambule. In Lacoste, Yves (sous la direction de). **Dictionnaire de géopolitique**. Paris: Flammarion. p. 1-35, 1993.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia (org.) **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto. p. 221-231. 2002.

GIGLIO, Zula Garcia; WECHSLER, Solange Muglia; BRAGOTTO, Denise. **Da criatividade à inovação**. Campinas. Papyrus. p. 186. 2009.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. **Da geografia que ensina à gênese da Geografia moderna**. 4.ed. Florianópolis. UFSC. 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único a consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

VLACH, Vânia. O Ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica. In Vesentini, José William (org.). **O Ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2005.

_____. BRAGA, Sandra. A militarização do urbano e a cultura do extermínio: considerações iniciais. *Scripta Nova*, Vol. IX, núm. 194(56), 2005, <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-56.htm>>.

_____. **Organização territorial dos Estados-nações na América Meridional**: continuidades e mudanças. *Scripta Nova*, Vol. X, núm. 218 (77), 2006 <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-77.htm>>